

Sala de aula-laboratório: Reflexões sobre o fazer docente em Artes Visuais

Área: Humanas, Letras e Artes

Emanuelle Dalécio da Costa¹, Beatriz da Silva Pinto², Adriana Pedrassa Prates³

¹Aluna de Artes Visuais - DTP/UEM, contato: emanuelle3690@gmail.com

²Aluno de Artes Visuais - DTP/UEM, contato: dasilvapinto11@gmail.com

³Prof. Depto de Teorias e Práticas da Educação – DTP/UEM, contato: apprates@uem.br

Resumo. *O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre o planejamento e prática docente referente à formação de professores/as de Artes Visuais. Para isso, apresenta a experiência em campo no Estágio Supervisionado em Artes Visuais III, realizado em 2024 com alunos/as do Ensino Médio. Conclui-se que a experiência de estágio foi relevante para a formação profissional das estagiárias envolvidas nas atividades, possibilitando alternativas e proposições em Arte Contemporânea, além de diálogo sobre planejamento, teorias e práticas da docência.*

Palavras-chave: *Artes Visuais. Docência. Ensino Médio.*

1. Introdução

Ao longo das aulas da disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Visuais III, discutimos abordagens pedagógicas possíveis para a prática da experiência de estágio. Visto que a proposta da disciplina é que ocorra no ensino regular e se direcione ao Ensino Médio, fomos orientadas à elaboração de uma proposta de regência para uma turma de primeiro ano do Ensino Médio. Para isso, o conteúdo solicitado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná (SEED-PR) abarcou os conteúdos de *Happening*, *Performance* e movimento *Fluxus*, modalidades presentes na Arte Contemporânea. Pensando num melhor entendimento e planejamento de ações, avaliamos que não seria possível contemplar de maneira satisfatória todos os conteúdos citados anteriormente. Por isso, selecionamos o *Happening* como objeto disparador de nossas experiências no estágio com o Ensino Médio.

2. Metodologia

A experiência do estágio consistiu em 25 horas de observação, 15 horas de atividades extraclasse - para a estruturação dos planos de ensino - e 10 horas de regência, totalizando 50 horas práticas. Inicialmente, foi acordado com a professora regente da turma em questão que seriam propostas duas aulas para regência do conteúdo estabelecido pelo planejamento da SEED-PR.

Desse modo, pensamos nas aulas como um laboratório artístico de experimentações

acerca do *Happening*, objetivando desenvolver ações associadas aos fundamentos do movimento, com ênfase na experiência espectador-artista. Para isso, definimos os roteiros desenvolvidos por Allan Kaprow como fundamentais para nosso planejamento, visto que o artista foi um dos precursores do movimento, construindo, até, um roteiro sobre como fazer um *happening*.

Isto posto, ressaltamos que ao longo do processo o planejamento foi alterado, visto que foram sugeridas mais duas regências pela professora do colégio e, no fim, foram executadas três.

Assim, em nosso planejamento, elegemos conceitos disparadores como imprevisto, público artista e ação em acontecimento para incitar discussões sobre Arte Contemporânea e a figura do artista em diferentes contextos na história da arte. Nesse sentido, Brito (2005) articula ideias acerca do caráter singular que a arte adquiriu na contemporaneidade:

Com a explosão das vanguardas nas primeiras décadas do século XX, a obra de arte passou a ser tudo e qualquer coisa. Nenhum ideal teórico, nenhum princípio formal poderiam defini-la ou qualificá-la a priori. Seguindo um movimento paralelo ao da ciência - e até da própria realidade, com o afluxo das massas - a arte tornou-se estranha (Brito, 2005, p. 202).

Em vista disso, outro elemento pertinente para o planejamento das aulas foi a contextualização do momento em que a Arte passou a se articular com a Vida - e do cotidiano -, visto que esta relação foi fundamental para Kaprow no processo de desenvolvimento do *Happening*. Dito isso, consideramos os apontamentos de Borre (2010) quanto a necessidade de as instituições escolares e agentes que lidam diretamente com o processo de ensino e aprendizagem de incorporar em suas ações educativas aquilo que diz respeito ao cotidiano e à realidade concreta dos alunos, não apenas para suscitar o olhar crítico dos/as alunos/as, mas também do sujeito educador/a, num processo de significar algumas coisas e ressignificar outras, desenvolvendo outros olhares para o mundo.

Nesta perspectiva, Kaprow (1966) elaborou um roteiro composto por instruções para produzir um *Happening*. Dentre elas, o autor destaca a necessidade de esquecer padrões artísticos e misturar características da vida cotidiana, além de performar apenas uma vez, a fim de evitar que se torne obsoleto. Este pensamento pode ser visto no seguinte trecho, por exemplo:

As situações para um *happening* devem vir daquilo que você vê no mundo real, de lugares e pessoas reais, mais do que da sua cabeça. Se você ficar muito preso à imaginação, você vai terminar fazendo arte velha de novo, já que sempre se supôs que a arte vinha da imaginação



(Kaprow, 1966, p. 1).

Desenvolvemos, então, um roteiro de *Happening* com instruções elaboradas a partir das vivências cotidianas observadas na sala, como jogar uma bolinha de papel no lixo ou resolver uma equação. Definimos que a primeira regência se iniciaria com a execução deste roteiro, para que o contato dos alunos fosse, em um primeiro momento, sem conhecimentos prévios. Em seguida, refletimos com a classe se a experiência poderia ser considerada arte, quem nesse caso seria o artista e qual seria a produção. Posteriormente, apresentamos o papel do artista em momentos históricos distintos, em movimentos artísticos diferentes, abordando a Idade Média, a Renascença, o Expressionismo e o Dadaísmo, aproximando a arte das vivências cotidianas e ressaltando o distanciamento das manifestações artísticas do objetivo de finalizar uma produção palpável. Abordamos, por fim, o artista Allan Kaprow e introduzimos a proposta da aula seguinte: a produção de um roteiro de *Happening* em grupo.

Pensando que inicialmente seriam apenas duas regências, nos planejamos para que na segunda regência fosse desenvolvido o roteiro em grupos de seis alunos, com no mínimo cinco e no máximo dez instruções. Entretanto, durante o trajeto a professora sugeriu que fossem feitas quatro regências, então acrescentamos uma aula para a prática desses roteiros e uma última aula para recapitular o conteúdo e propor uma atividade escrita individual, para observar a absorção do conteúdo para além das atividades coletivas.

Por conta de questões externas, entretanto, foram propostas, de fato, apenas os três primeiros planejamentos de aula. Em relação a experiência prática das regências, a primeira proposta se desenvolveu mais rápido do que o planejado, então optamos por elaborar novas instruções durante a aula.

Enquanto isso, a segunda proposta demandou maior tempo do que o planejado, então os alunos iniciaram os roteiros durante a aula e os finalizaram durante a terceira aula. Neste terceiro momento, após o fim da produção de roteiros e prevendo a falta de tempo para executar todas as propostas de *Happening*, elegemos três roteiros para a turma inteira executar, com instruções que contavam, inclusive, com as professoras estagiárias.

3. Considerações finais

A experiência relatada indica a necessidade de articulações entre teoria e prática na formação de professores/as de Artes Visuais. Concordamos com Oliveira e Lampert (2013) quando destacam a importância da mobilização das teorias adquiridas ao longo da Licenciatura, de modo que esta permita ao professor/a em formação “a possibilidade de refletir e de propor novas perspectivas de análise para melhor compreender sua ação docente” (Oliveira e Lampert, 2013, p. 82).

Por meio do estágio formal na educação regular, tivemos acesso ao dia a dia de uma

